



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ESCREVER/ INSCREVER-SE: PRÁTICAS DE (RE) CRIAÇÃO DE SI NOS ESCRITOS FEMININOS NA PARAÍBA NA DÉCADA DE 1930

Regina Coelli Gomes Nascimento

Universidade federal de Campina Grande reginacgn@gmail.com

Resumo: Neste artigo problematizamos o exercício da leitura e escrita feminina a partir de alguns fragmentos dos escritos de Juanita Borel Machado e Francisquinha Amorim, em artigos publicados, respectivamente, no Jornal A União e na Revista Evolução¹. Neles é possível acompanhar algumas problemáticas vivenciadas pelas mulheres na Paraíba na década de 1930, especialmente, sobre como os sujeitos significaram os discursos voltados para a disciplinarização do corpo e da mente. A partir desse recorte temporal, espacial e metodológico, pretendemos problematizar discursos construídos sobre o corpo e a educação, questionando os lugares produzidos para as mulheres na época, cuja finalidade eram evitar comportamentos indesejáveis que poderiam transgredir a tradição os e costumes da sociedade Paraibana.

Palavras-chave: História, educação, autoria, feminina.

¹ Pesquisa desenvolvidas no projeto “Conselho Higiênico”: sensibilidades e saberes escolares em Campina Grande- Paraíba (1920-1940)” financiada pelo CNPq na Chamada UNIVERSAL – MCTI/CNPq N° 14/2013



No mês de Setembro de 1931, o Instituto Pedagógico Campinense (IPC)² apresentava à comunidade escolar e à sociedade campinense o primeiro número da Revista Evolução, provavelmente momentos de ansiedade e de espera foram vivenciados por docentes, discentes, redatores e pela comunidade curiosa para conhecer mais uma iniciativa daquela instituição educacional.³

A primeira edição apresentou uma capa colorida com a foto de José Américo de Almeida, naquele período ministro dos transportes de Getúlio Vargas. O nome foi escolhido, segundo os editores, por estar ligado “[...] a um programa veiculado pelo sopro de vida emergente do seio pletórico, que é meio social de Campina Grande” (Revista Evolução N°1, 1931, p.9).

A Revista durante os dois anos em que circulou tornou-se um dos espaços utilizados pela população letrada para divulgar ideias, socializar informações referentes à educação, à publicidade e as atividades sociais e culturais realizadas no IPC e na cidade.

A leitura dos oito exemplares produzidos entre os anos de 1931 e 1932 permite-nos vislumbrar uma diversidade de informações sobre o cotidiano dos moradores. A revista apresentava ao público leitor uma variedade de discursos, voltados para saúde, lazer, educação, propaganda, poesia, contos, etc. Narrativas que apontam para os novos modos de comportamentos da sociedade e suas formas de ver, sentir e pensar dos editores do periódico.

A partir da análise de alguns fragmentos da Revista Evolução, percebe-se como algumas práticas, dentre elas o lugar das mulheres na sociedade, estavam sendo discutidas na cidade e, especialmente pelos docentes e discentes do IPC. Atentando para as preocupações com a saúde e os bons hábitos que emergiram como algo imprescindível na sociedade campinense, clamando pela modernização, transformando não apenas os costumes, mas também as maneiras de educar os futuros cidadãos. Um dos textos que nos chama atenção foi

² Quando nos referirmos ao Instituto Pedagógico Campinense no decorrer do artigo utilizaremos a sigla IPC.

³ Em nossas pesquisas sobre a educação na cidade no período de 1920-1940, localizamos informações sobre a criação do Instituto Pedagógico Campinense (IPC)³, instituição privada criada em 17 de fevereiro de 1919, permanece funcionando na cidade até os dias atuais. Atualmente com o nome de Colégio Alfredo Dantas, uma homenagem ao seu criador o Tenente Alfredo Dantas. O IPC funcionou inicialmente na Rua Barão do Abiaí no centro de Campina Grande – PB. Em 1924 foi transferido para a Praça da Bandeira, na antiga sede do Grêmio Renascença, buscando seguir as modernas exigências higiênicas e pedagógicas da época³ (DINOVA, 1993, p. 244-251)

⁴ A Escola Normal João Pessoa passou a funcionar em dezembro de 1928 no IPC, porém só recebeu do Presidente da província João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque permissão para funcionar em 1929, quando foi equiparada a Escola Normal Oficial do Estado.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

escrito por Francisquinha Amorim, professora da Escola Normal João Pessoa, em Campina Grande Paraíba⁴, quando destaca suas inquietações sobre a percepção da educação feminina na época:

O Século XX, rico de maravilhosas invenções e descobertas pelo que se denomina – O Século da velocidade e do Progresso, não permite que a atividade feminina, em nenhum país civilizado, continue abandonada, como no Brasil (que) ainda não se cogitou de dar à mulher uma educação que a prepare para desempenhar missão importante na terra. Nossa instrução é muito diferente, mercê dos poderes públicos e dos preconceitos tolos dos pais de família. Entendem aqueles que a mulher só tem utilidade no lar (e) estes, a moral de suas filhas será atacada, se elas exercerem um emprego fora de suas vistas. E por isto, aqui mal se educa a jovem para ser esposa ou irmã, nunca, porém para ser viúva, solteira e divorciada. A função da brasileira é ser parasita, embora disto venham efeitos muito desagradáveis e todos sofrem a causa da má educação. (Evolução, N^o1, setembro, 1931, p.6).

A afirmação da professora Francisquinha Amorim, destacando a educação como alternativa para mudar as relações entre os sujeitos na sociedade. Nos chama atenção, entre outras coisas, para outras sensibilidades que estavam sendo gestadas, estimulando as mulheres a repensar os lugares que ocupavam no cenário urbano. Esse tipo de questionamento, possivelmente, era recorrente nos grandes centros do país, Porém, a professora emerge como uma das primeiras vozes femininas a questionar os lugares estabelecidos para o feminino na cidade.

A professora fazia parte de um grupo seletivo de docentes do IPC, atuando como professora de Pedagogia e Didática na Escola Normal João Pessoa criada em 1929 e gozava de uma condição privilegiada, se comparada aos demais profissionais do magistério na cidade, seja pela remuneração, seja pela a garantia de acesso a cargos administrativos, seja pelo prestígio social. É o que pode se perceber a partir da imagem abaixo na qual a professora aparece compondo o quadro docente do IPC.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Corpo docente do "Instituto Pedagógico", vendo-se na primeira fila, de pé, da esquerda para a direita: **prof. M. de Almeida Barrêto**, sargento Moisés Araujo, instruto; dr. Severino Cruz, **tenente Alfredo Dantas**, diretor; Lino Fernandes, drs. Elpidio de Almeida e Antonio Almeida; sentadas da esquerda para a direita: professoras **Erundina Campêlo**, Senhazinha Schuller, **Teté Campêlo**, **Ester Dantas**, Yáá Dantas, **Francisquinha Amorim**, Maria Coutinho e Sizenia Galyão.

Fonte: Revista Evolução, Nº 1, 1931, p. 6

Francisquinha Amorim fez carreira como docente. Esta era uma das poucas profissões em que as mulheres podiam atuar na época por permitir que continuassem desempenhando as atividades domésticas. Em seus escritos ela aborda suas inquietações enquanto professora preocupada com o outro, e atenta aos caminhos que a educação estava vivenciando naquele momento.

Na fala da professora há uma inquietação com as questões de gênero, observa-se uma crítica a educação que naturalizava a maternidade como sendo um único lugar no qual a mulher poderia exercer suas funções. Interessa-nos pensar sobre esse tipo de escrita na qual observamos que algumas mulheres, a exemplo da autora, percebem as mudanças na sociedade e por caminhos diversos conseguem dar a ler suas opiniões para o público leitor da revista. Além disso, sua crítica vai além da educação para 'o lar'; sua fala questiona a ausência de uma educação que pense nas múltiplas experiências daquelas mulheres que por motivos vários ficaram sozinhas, chegando a definir a educação brasileira feminina como parasita.

Suas inquietações sobre a educação feminina também eram alvo de reflexões na Parahyba do Norte, capital do Estado, por outras mulheres que questionavam os modelos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

reservados ao feminino na década de 1930. Como exemplo, podemos destacar Juanita Borel Machado, que no Jornal A União, escreve sobre romances e leituras voltadas para as moças, especialmente, em reposta a um a leitora dos romances de M. Delly e Henri Ardel⁵

A ledora de Ardel quer casar, ter lar, constituir família e Ella aspira por um maridinho ideal, como aquele do romance azul, cavaleiro de legenda, sportivo, pode ser mais romântico com lugares de balada e holocaustos de mytologia. O protótipo ficou fotografado na imaginação, e no desejo da moça e Ella busca na vida o homem do romance. [...] Quem tem culpa da ideia falsa que ele concebeu da vida? O Sr, Ardel, o Sr. Delly e outros senhores, desocupados, que escrevem para colegiais creando ambientes e pessoas falsas.” (A união, 17 de janeiro de 1937)

A autora remete sua critica aos romances produzidos na França a partir de 1920, traduzidos e publicados também em Portugal, como parte da coleção denominada de a Biblioteca das Famílias. Alguns desses livros foram importados de Portugal para o Brasil na década de 1920 . E o que informa Cunha:

[...] Em edições baratas, vendidas em livrarias e em bancas de jornal, teve grande aceitação, principalmente entre jovens normalistas. Estas obras eram presença constante nas bibliotecas das Escolas Normais, recebiam aprovação de professores e da Igreja para a sua leitura além de serem consideradas romances de família: leitura para senhoras e senhoritas cuja moral cristã seria conveniente preservar. (CUNHA, 1995, p.39)

Esse tipo de litura se popularizou entre as mulheres nas grande cidades⁶ e repercutiu também na Parahyba, reafirmando valores e um estilo de vida que priorizava o espaço familiar como o local próprio para as mulheres na sociedade, apresentando em suas narrativas normas de condutas e valores direcionados para educar e seduzir as leitoras para atender o ideal masculino de feminilidade, no qual o amor romântico, a casa, a família e a maternidade deveriam ser o alvo de suas preocupações. Porem, esse tipo de leitura também provocava controvérsias e reflexões sobre os lugares das mulheres no espaço público e privado, conforme percebemos na análise de Juanita Borel Machado.

⁵ M. Delly pseudônimo do casal de irmãos Frédéric Henri Petitjean de la Rosière (Vannes, 1870 – Versailles, 1949) e Jeanne Marie Henriette Petitjean de la Rosière (Avinhão, 1875 – Versailles, 1947), escritores franceses. (CUNHA, 1998) Henri Ardel pseudônimo de Berthe Palmyre Victorine Marie Abraham (Amiens, França, 4 de junho de 1863 – Paris, França, 1938), escritora francesa dedicada a romances sentimentais para moças, publicados em sua maioria na Coleção Stella ou na Coleção Nelson. Ela fez parte das escritoras que utilizavam um pseudônimo masculino, tais como Léo Dartey. (CUNHA, 1998)

⁶ Entre os anos de 1940 e 1960 foram publicados na coleção intitulada “Biblioteca das Moças”, pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo 180 títulos da coleção.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As autoras ao se apropriarem da palavra escrita, rompem com a tradição que confinava a atuação feminina ao ambiente doméstico. Escrever artigos de opinião foi um instrumento utilizado por algumas mulheres para expandir seu espaço de atuação na sociedade. A respeito do exercício da escrita feminina no início do século XX, concordamos com a opinião de Nunes quando afirma que:

Foi necessário muita luta contra o mito do anjo do lar, da musa inspiradora e criatura para desobedecer aos cânones masculinos e ascender ao universo de autor. Foi preciso renunciar às imagens femininas produzidas pelos homens. Foi necessário autorizar-se a saltar dos diários e cadernos de anotações para os artigos nos jornais e livros publicados e, finalmente, fazer parte da elite formadora de uma opinião pública, que suponha a circulação do escrito, a leitura crítica e a formação de juízos (NUNES, 2011, p.168).

Francisquinha Amorim e Juanita Borel Machado, como mulheres do seu tempo, escrevem numa época em que apenas uma pequena parcela da população feminina podia estudar e escrever. Publicar era uma tarefa ainda mais difícil, a falta de espaço nas editoras fazia com que as autoras buscassem na imprensa periódica, um lugar para publicizar suas opiniões sobre assuntos que interessavam ao universo feminino, tais como, educação, família, feminino etc.

A intensidade da escrita das duas mulheres e a repercussão de suas falas não aparecem nas edições posteriores, percebe-se um silenciamento, talvez por elas terem buscado um estilo de escrita que questionava os cânones masculinos e que, em última instância, desobedecia, fugia da regra, saía das anotações dos cadernos e escrevia em um espaço criado pelo masculino. Elas superaram as interdições impostas às mulheres que sabiam ler, porém não deveria escrever, uma vez que:

O texto transmite em leitura (ao menos e assim que pensam os produtores de texto) uma ordem uma disciplina, uma forma de coação. Pelo contrário, a escrita procura a possibilidade de liberdade ao ser utilizada para comunicação, intercâmbio, possibilidade de escapar da ordem patriarcal, matrimonial ou familiar (CHARTIER, 2001, p. 24).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Possivelmente era esta liberdade que Francisquinha Amorim e Juanita Borel Machado buscavam em seus escritos, questionando os modelos patriarcal, matrimonial e familiar. Desconfiando da ordem e da disciplina imposta, buscando apresentar em seus escritos novas subjetividades que estavam sendo vivenciadas pelas mulheres na sociedade e que eram silenciadas pelo masculino.

Os espaços de escrita nos periódicos estavam sendo apropriados pelas mulheres para expressar suas inquietações, discursos nos quais as protagonistas se apropriaram da escrita, como forma de organizar o pensamento e problematizar o cotidiano, reescrevendo e construindo novas experiências. Nesse exercício de escrita de si, o sujeito se inscreve, e, constrói discursivamente suas subjetividades. Ao narrarem suas ações, motivações, inquietações e sonhos, vão se apropriando das possibilidades da escrita enquanto espaço de criação de novas compreensões sobre si e sobre o outro.

O fato das mulheres na década de 1930, especialmente na Paraíba, ainda terem dificuldade para inserção no mercado de trabalho, contribuía para que sua dependência financeira estivesse centralizado no masculino. Enquanto o homem era educado para ser o centro na relação com a mulher. Isso justificava discursivamente, o espaço do masculino como dotado de razão, enquanto o feminino de emoção. Essa separação dava ao homem o direito de gestar as decisões e projetos políticos e econômicos e às mulheres a naturalidade de cuidar da casa e dos filhos. Nessa direção, Francisquinha Amorim construía sua crítica à educação brasileira como sendo também masculinista.

São escritos que apontam para pensar sobre os dilemas de mulheres que viviam distantes dos grandes centros urbanos, mas estavam atentas às transformações sociais e culturais que a sociedade estava passando, e não silenciaram, ao contrário, buscaram escrever sobre suas vivências, ansiedades e aspirações.

Revisitar os escritos de Francisquinha Amorim e Juanita Borel Machado é importante não por uma nostalgia do passado, mas, sobretudo por ser um documento que nos permite vislumbrar as inquietações, sonho e desejos vivenciados pelas mulheres na Paraíba nos anos 1930. Por fim, devemos ressaltar que a leitura dos textos femininos ainda tem muito a nos ensinar sobre o(s) lugar (es) ocupado(s) pelas mulher(es) na História.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elpídio de. *História de Campina Grande*. 2. Ed. João Pessoa: Edufpb, 1998.

ANDRADE, Vivian Galdino de. A Compreensão de uma ‘modernidade pedagógica’ através do Instituto Pedagógico Campinense (1919-1950). In: *Anais do IX Seminário de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”*. UFPB – João Pessoa, 2012.

CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Departamento de Publicidade – Academia Paraibana de Letras. João Pessoa – PB, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. A disciplina Moral. IN: COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Mulheres e romances: Uma intimidade radical. *Cad. CEDES* [online]. 1998, vol.19, n.45, pp. 100-100. ISSN 1678-7110 <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000200007>> Acesso em 14/03/2011.

_____. *Educação e Sedução. Normas, Condutas, valores de M. Delly*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo. 1995.

DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2º Volume. Campina Grande – PB.

MELLO, José Baptista de. *Evolução do ensino na Paraíba*. 3. Ed. João Pessoa: Conselho estadual de Educação, 1996.

NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes do. Campina Grande: Cenários de Sedução. In: DANTAS, Eugênia, e BURITI, Iranilson (Orgs.). *Cidade e região: Múltiplas histórias*. João Pessoa: Ideia, 2005. P. 67-84.

NUNES, Clarice. Letras femininas missão intelectual de professoras jornalistas imprensa brasileira. In. *Intelectuais e História da Educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. Leite, Juçara Luzia; ALVES, Cláudia. (Org.). Vitória; EDUFES, 2011. Pp.

Revista Evolução, Nº 1, 1931, p. 6

SILVA, Maria Raquel. *Civilizando os filhos da “Rainha”, Campina Grande: modernização, urbanização e grupos escolares (1935-1945)*. Dissertação (Mestrado em História, Universidade Federal da Paraíba), João Pessoa, 2011.

Jornal A união, 17 de janeiro de 1937